

Centro de atendimento ao autista

Rafaela Francioli Leite



"Se eles não aprendem do jeito que a gente ensina, nós ensinamos do jeito que eles aprendem" (Ivar Lovaas)



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS -PUC-GO
ESCOLA POLITÉCNICA CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO -TCC.2-2023/01 - MATUTINO
ORIENTADORA: MARIA ELIANA JUBÉ RIBEIRO - LANA
ALUNA: RAFAELA FRANCIÓLI LEITE
EMAIL: RAFAELA_FRANCIOLI@HOTMAIL.COM

SUMÁRIO

RESUMO.....	I
INTRODUÇÃO.....	2
TEMÁTICA.....	3
TEMA.....	5
JUSTIFICATIVA DO TEMA.....	7
CONCEITO.....	8
USUÁRIO.....	9
LUGAR.....	II
ESTUDO DE CASO.....	18
PROGRAMA DE NECESSIDADES.....	22
FLUXOGRAMA.....	23
PROPOSTA TEÓRICA.....	24
ANTEPROJETO.....	26
ESTRUTURA.....	29
CORTES.....	30
DETALHES.....	31
FACHADAS.....	32
VOLUMETRIA.....	34
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS.....	37

RESUMO

Este estudo tem como principal objetivo propor a criação de um lugar de terapias alternativas de acompanhamento frequente, oferecendo exercícios, tais como equoterapia, hidroterapia e atividades voltadas à cognição. Esses trabalhos seriam destinados às pessoas com autismo, com a intenção de inserir esses indivíduos à sociedade com mais facilidade, oferecendo recursos que darão suporte à sua formação. Assim sendo, buscamos entender quais são as especificidades desse público, visando entender as suas necessidades, para então pensar em quais terapias seriam mais adequadas e como elas poderiam ser inseridas nesse espaço. Para tanto, utilizamos principalmente as ideias de Jan Gehl (2013) para compreender como os ambientes podem contribuir para o bem-estar das pessoas que os frequentam.

Palavras-chave: Autismo; Inclusão; Terapia.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é definido pelo Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento (2019, p. 1) como um transtorno do desenvolvimento neurológico que se caracteriza pela dificuldade de se relacionar e se comunicar, e pela presença de interesses e comportamentos restritos e/ou repetitivos. Nota-se, diante disso, que a arquitetura pode fornecer ferramentas para que pessoas com esses traços possam conviver de maneira mais harmônica, tendo em mente as particularidades do espectro autista.

Assim sendo, levando em consideração essas características, visa-se propor a criação de um centro de referência com espaços inclusivos de convivência destinados a pessoas autistas, onde será desenvolvido um trabalho para melhorar a qualidade de vida destes indivíduos, com tratamento personalizado e um espaço propício para a necessidade deste transtorno, sendo um local de terapia individual (ou seja, nenhum equipamento inserido neste projeto tem a intenção de suprir as especificidades de uma escola).

TEMÁTICA

Para começarmos a pensar em como propor um espaço terapêutico para pessoas autistas, podemos levar em consideração as ideias de Jan Gehl (2013). Ele chama atenção para como a cidade tem o potencial para se tornar viva, de modo que as pessoas se sintam convidadas a permanecer nos espaços públicos. Isso se relaciona diretamente com o fato de que, para ele, existe uma preocupação crescente com a dimensão humana no planejamento urbano, o que reflete forte exigência para que haja qualidade de vida nas cidades. E esse ambiente, com efeito, deve levar em consideração os mais variados tipos de pessoas que vivem nele, inclusive aquelas com necessidades específicas.

Sendo assim, é importante destacar que, segundo o autor, é possível perceber, na história das cidades, que as estruturas e o planejamento urbano influenciam o comportamento humano. Ainda, o espaço da cidade funciona como um ponto de encontro para os moradores em vários níveis. É afirmado que as atividades sociais exigem a presença de outras pessoas e incluem as mais variadas formas de comunicação no espaço público, ou seja, “se há vida e atividade no espaço urbano, então também existem muitas trocas sociais. Se o espaço da cidade for desolado e vazio, nada acontece” (GEHL, 2013, p. 22).

Além disso, o autor acredita que as atividades de ouvir e ver são as principais categorias de contato social, e elas são profundamente influenciadas pelo planejamento urbano, o qual pode ou não favorecer o encontro entre as pessoas, já que “o espaço público da cidade democraticamente gerido garante acesso e oportunidades de expressão de todos os grupos da sociedade e liberdade para atividades alternativas” (GEHL, 2013, p. 28). Isto é, todas as pessoas, com as mais distintas características, podem ter a possibilidade de participar das interações sociais nesses espaços.

Pensando nesse sentido, pode-se salientar que, para o autor, a cidade é vista como aquilo que “atende a uma função democrática onde as pessoas encontram diversidade social e compreendem mais o outro, por meio do compartilhamento do mesmo espaço urbano” (GEHL, 2013, p. 109). Por isso, entende-se que esse espaço deve comportar todas as pessoas, com ou sem transtornos, criando mais chances para que elas consigam aprender sobre os mais diferentes sujeitos e possam também se identificar com seus semelhantes, garantindo às pessoas “as oportunidades para o intercâmbio de mensagens pessoais, culturais e políticas” (GEHL, 2013, p. 28).

TEMÁTICA

Ao analisar como isso poderia ser feito, o autor afirma que o corpo humano, assim como seus sentidos e sua mobilidade, é o segredo para um bom planejamento urbano para todos – as respostas estão “encapsuladas em nosso corpo” (GEHL, 2013, p. 59). E, nesse sentido, é importante que a variedade de corpos seja levada em conta. O próprio arquiteto diz que uma boa política urbana deve se concentrar em melhorar o espaço cotidiano comum, “integrando alguns desafios e oportunidades para crianças, pessoas mais velhas e esportistas nesse espaço” (GEHL, 2013, p. 161), lista à qual deve-se acrescentar os autistas.

Justamente os inúmeros novos desafios do espaço urbano, a maior criatividade e entusiasmo dos moradores e as muitas ideias sobre como garantir boas oportunidades para novas necessidades deveriam estimular os urbanistas a criar muitos espaços para grupos de idade e atividades específicos. Muitas boas ideias podem ser construídas e garantidas pelo estímulo a grandes projetos em áreas públicas para finalidades especiais (GEHL, 2013, p. 161).

Logo, fica evidente como o planejamento urbano e a arquitetura são capazes de beneficiar as pessoas com Transtorno do Espectro Autista e suas relações sociais. É importante, assim sendo, refletir sobre como isso poderia ser realizado na prática, além do modo como as cidades estão ou não contribuindo para a qualidade de vida de seus moradores.

TEMA

É evidente a importância de pensar em como os espaços podem favorecer a qualidade de vida das pessoas com Transtorno do Espectro Autista, visto que, de acordo com Lizandra Vergara, Marcia Troncoso e Gabriela Rodrigues (2018), as sensações e percepções das pessoas estão diretamente pautadas pelo ambiente que as cerca, o que afeta seu comportamento. Segundo as autoras,

Autistas apresentam características que diferenciam sua percepção, limitando, muitas vezes, o seu conhecimento do mundo. Não compreendem facilmente a partir do todo, costumam focar mais as partes e os detalhes. Apresentando distúrbios que provocam uma confusão na percepção das informações e na interpretação dos sentidos, o mundo passa a ser uma fonte de ruídos, odores e poluições visuais, ou seja, um cenário caótico, que pode causar insegurança e instabilidade (2018, p. 2).

Por isso, para elas, é possível fazer pequenas intervenções para que a arquitetura funcione como uma proteção entre o mundo interno da pessoa autista e o mundo externo ao seu redor. Pensando nisso, apontam que:

A palavra autismo, formada por auto (do gr. - referente a si mesmo) + ismo (sufixo que indica ação ou estado), reforça a escassa interação dos indivíduos portadores do distúrbio com seus semelhantes, pois eles estão focados em si e não nos outros, já que possuem grande dificuldade para perceber quem fica “lá”, no lugar mais distante, se identificando mais com o “aqui”, e assim preferindo a segurança de ambientes mais conhecidos como o interior de suas casas (2018, p. 3).

Nesse sentido, além das diversas terapias que podem auxiliar a população com autismo, a arquitetura, na visão das autoras, poderia servir como uma proteção, ao amenizar o excesso de informações que esses indivíduos recebem do mundo exterior e os seus possíveis desconfortos, de modo que facilite a permanência dos autistas nos espaços, facilitando as interações sociais.

TEMA

Há urgência para que isso seja levado em consideração, já que muitos pais ou responsáveis pelo cuidado dos autistas, por excesso de proteção ou medo, “acabam limitando a vida destes apenas aos ambientes do social imediato, aquele que corresponde à relação da criança com seu próprio Eu e o ambiente doméstico familiar” (VERGARA; TRONCOSO; RODRIGUES, 2018, p. 6). Diante dessa questão, tais famílias acabam não vivendo momentos de lazer, evitando ir a parques, praças, restaurantes, shopping, entre outros, de acordo com as autoras. Isso se torna um problema, porque o cotidiano das pessoas com autismo também deveria “perpassar por estes contextos diversificados, promovendo suas chances de ascensão e de bem-estar em espaços variados” (p. 6).

Para elas, inclusive, a arquitetura poderia até mesmo proporcionar maior independência, mas o que ocorre atualmente é que, quando há uma preocupação com a acessibilidade e a inclusão, ela se limita às necessidades físicas, como se percebe na cidade de Goiânia. Caso essa realidade mudasse, muitas pessoas seriam beneficiadas, haja vista que no Brasil há mais de três milhões de indivíduos autistas em todas as faixas etárias (MIRANDA; GUARNIERI, p. 6). No entanto, segundo as autoras, são poucos os arquitetos que se dedicaram a pesquisar a respeito da melhor forma de desenvolver planejamentos para esse público. Reiteram, além disso, que:

A importância de um estudo adequado na execução de um projeto referente a um transtorno do neurodesenvolvimento traz benefícios aos usuários principais sem causar estresse referente a produção precária de um ambiente tão presente em seu dia a dia (p. 15-16).

Tendo em vista esses aspectos, torna-se imprescindível estudar os caminhos para a aplicação dessas ideias através do planejamento das cidades e da arquitetura.

JUSTIFICATIVA DO TEMA

Sabe-se que, dentre os comportamentos que definem o autismo, estão os déficits na comunicação e na interação social, e uma das manifestações dessas dificuldades é o isolamento. Além disso, mesmo na idade adulta, em que costuma haver uma melhora nesse aspecto, ainda é possível observar maior dificuldade para fazer amizades e interagir socialmente, em relação aos demais (GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2004). Por isso, percebe-se a necessidade de pensar em ambientes que facilitem a convivência dessas pessoas, que, muitas vezes, são deixadas à margem da sociedade.

Desse modo, como afirma Jan Gehl (2013, p. 23), “as atividades de ver e ouvir são as principais categorias de contato social” e, portanto, de interação dos indivíduos. Segundo ele, essas formas de contato são as que mais podem ser influenciadas pelo planejamento urbano, o qual é capaz de favorecer o encontro entre as pessoas. Assim, com esse trabalho, pretende-se propor a criação de espaços de convivência que, planejados de maneira estratégica, possam colaborar para a interação entre pessoas que fazem parte do espectro autista, uma vez que elas costumam apresentar mais dificuldade para se relacionar. O foco estará voltado para o estímulo e a inclusão desses indivíduos.

Autismo



CONCEITO



Estímulo



Inclusão

USUÁRIO

Tabela 1 – Estimativa da população com autismo com base na população de cada região brasileira

Tabela IV - Estimativa da população com autismo com base na população de cada região brasileira		
Região	População em 2010*	População com autismo (0,62%)**
CO	14.050.340	87.112
N	15.865.678	98.367
NE	53.078.137	329.084
S	27.384.815	169.786
SE	80.353.724	498.193
Totais	190.732.694	1.182.643
SP	41.252.160	255.763

Fonte: Retratos do autismo no Brasil por, Mello, Ho, Dias, Andrade(2013).

Levando em consideração as estimativas observadas, o objetivo é pensar em um local destinado para atender pessoas com autismo, com intuito de focar em diagnósticos e terapia individual em crianças e familiares para que elas possam ter acompanhamento e melhorar sua qualidade de vida. De acordo com o gerente da secretária de inclusão do CMAI, na Rede Municipal de Goiânia, no último levantamento 2022/1, conta-se 854 crianças/estudantes com laudo de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

Como é possível perceber a partir de estudos recentes que investigam o TEA, pessoas com essa particularidade apresentam características específicas, entre elas a dificuldade de interação e comunicação com outros indivíduos. Gadia, Tuchman e Rotta (2004) apontam, por exemplo, que os autistas têm dificuldades para entender como as pessoas os percebem e para interpretar as pessoas ao seu redor, e até mesmo o adulto com autismo tem uma tendência ao isolamento.

Essas limitações muitas vezes podem interferir diretamente na qualidade de vida desses sujeitos, porém há mudanças que podem ser feitas no ambiente que facilitariam a convivência das pessoas com essas condições. O que se percebe, no entanto, de acordo com Vergara, Troncoso e Rodrigues (p. 6, 2018), é que “na atualidade [...] a preocupação com a acessibilidade se limita somente às necessidades físicas”, ou seja, os transtornos associados à saúde psíquica acabam ficando esquecidos, mesmo com uma grande quantidade de pessoas que fazem parte desse espectro, como é possível notar pelos dados.

USUÁRIO

Tal como sugerem os autores mencionados (p. 8, 2018), é necessário que haja uma preocupação, por parte dos arquitetos e urbanistas, voltada para a população portadora de TEA, visto que esses indivíduos não podem se limitar apenas ao ambiente familiar, “enclausurados em suas residências”. É importante que eles estejam inseridos na cidade e participem da vida sociocultural.

Pensando nisso, o objetivo deste trabalho é sugerir espaços que considerem todos esses aspectos, propondo uma experiência mais harmoniosa que facilite a convivência e o desenvolvimento desses sujeitos. Também, esses espaços devem ser públicos, para que não exista exclusão em nenhum âmbito, já que até as condições financeiras poderiam interferir nesse processo.

Alguns aspectos precisam ser considerados:

Geralmente a maioria dos autistas são muito sensíveis à luz solar e possuem uma visão fotográfica detalhista que os distraem do foco principal. Eles sentem todos os aromas do ambiente, desde o perfume da professora ao lanche do colega, o que, às vezes, os fazem enjoar. Devido ao seu delicado paladar, alguns não suportam misturar texturas, cores e sabores distintos de comida.

E, com o tato à flor da pele, podem confundir um abraço apertado de um toque agressivo. Alguns escutam qualquer barulho com a mesma intensidade, dentro e fora do ambiente, tal como o comando de voz na sala de aula ou o som do grilo no jardim (VERGARA; TRONCOSO; RODRIGUES, 2018, p. 5).

Sendo assim, é possível pensar em alternativas que neutralizem a superestimulação dos sentidos dos autistas, para que se sintam mais confortáveis. Os autores (2018) sugerem, por exemplo, pérgolas que diminuam fortes incidências solares.

Existem variadas ferramentas para que a qualidade de vida da pessoa com Transtorno do Espectro Autista seja facilitada. Fica evidente que o tratamento precoce é determinante e que, também, a maneira como esse indivíduo é conduzido pela família e pelo que o cerca influenciam diretamente o seu desenvolvimento, especialmente no que se refere às relações sociais. Com o passar dos anos, as dificuldades podem ser diminuídas, mas isso “irá variar, de acordo com as características do indivíduo e seu ambiente” (SOCIEDADE Brasileira de Pediatria, 2019, p. 19). Com isso, infere-se que a arquitetura e o planejamento urbano poderiam contribuir nesse processo, a começar pelo local onde o espaço terapêutico estará inserido.

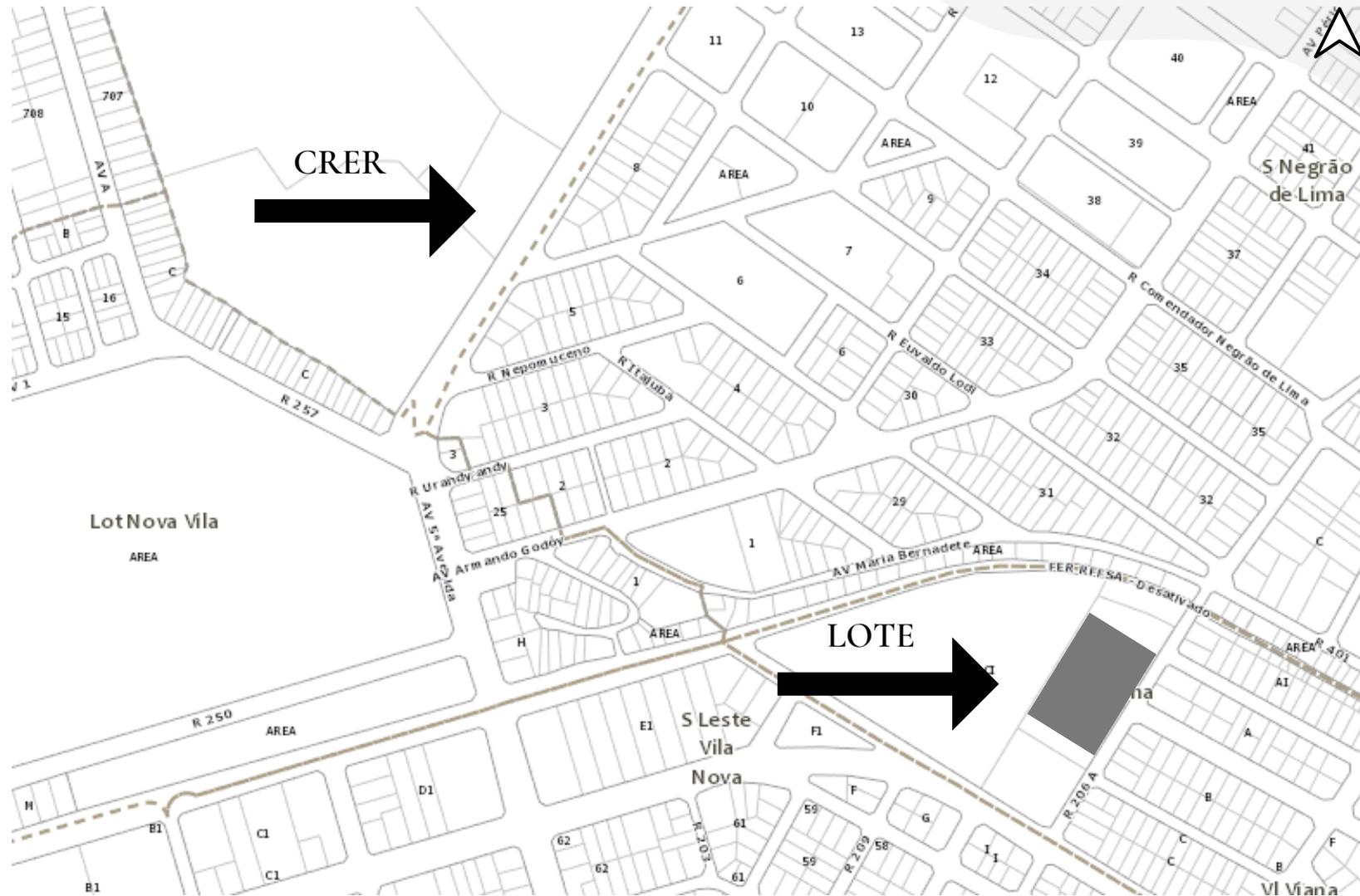
LUGAR

localizado entre a região leste o centro de Goiânia
Setor Negrão de Lima



Fonte: Acervo pessoal (2022).

LUGAR

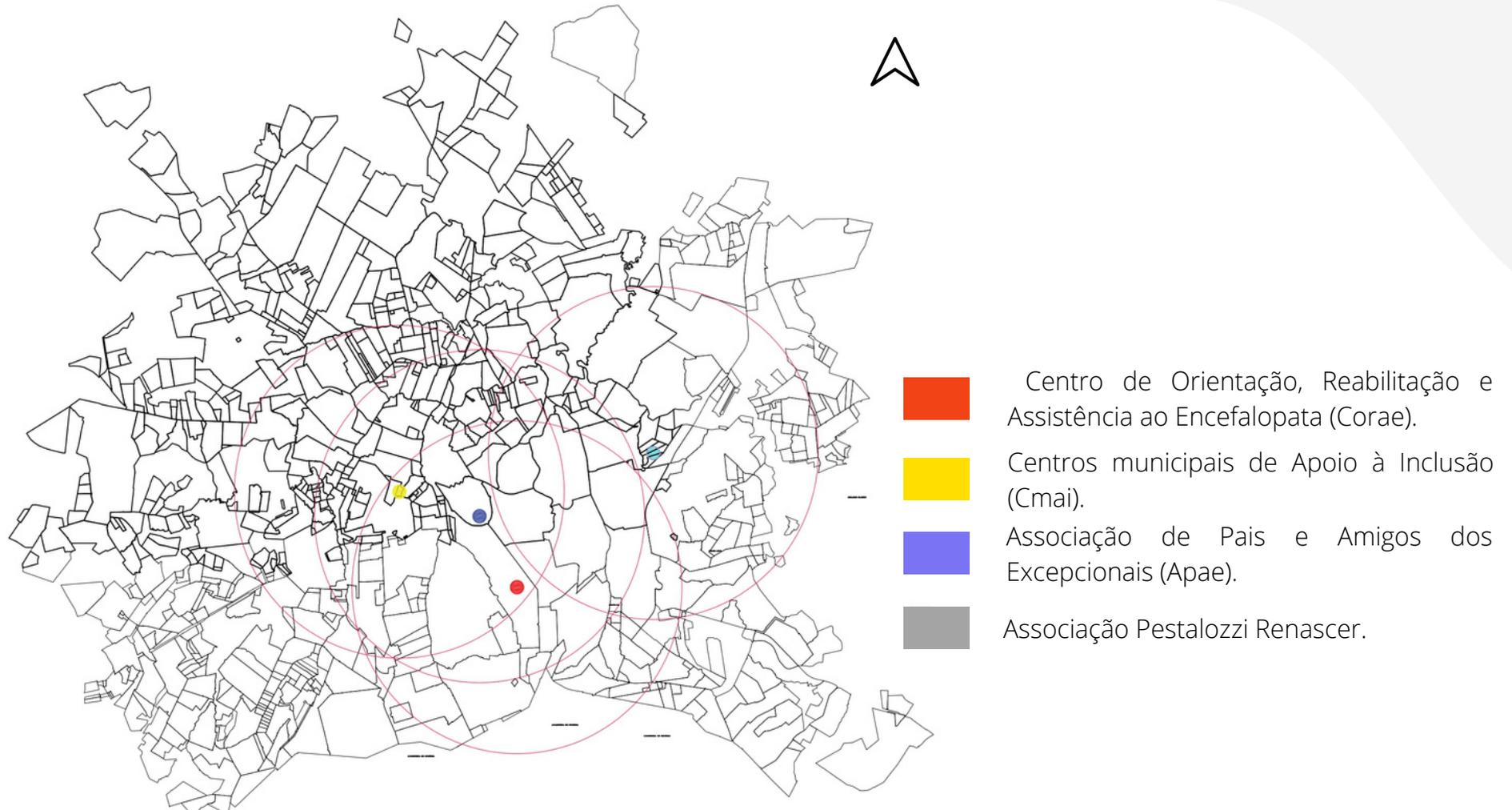


Fonte: Acervo pessoal (2022).

Aqui, foi selecionado um lote privado, levando em consideração sua localidade próxima à região central, com uma área necessária para o desenvolvimento do projeto, sendo usada uma média referente aos estudos de caso e, o ponto principal, a proximidade do Centro Estadual de Reabilitação e Readaptação (CRER), um projeto de um centro de saúde público servindo de apoio.

LUGAR

Principais Centros de saúde com atendimento para autistas



Fonte: Acervo pessoal (2022).

No levantamento, são mostrados alguns centros de saúde que atendem autistas, porém quase todos não possuem qualificação específica para este espectro, com atendimento precário. Há um raio de abrangência de 5000 metros, todavia não supre as necessidades, assim não sendo suficiente.

LUGAR

Corredores do transporte coletivo



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Vias de principal acesso

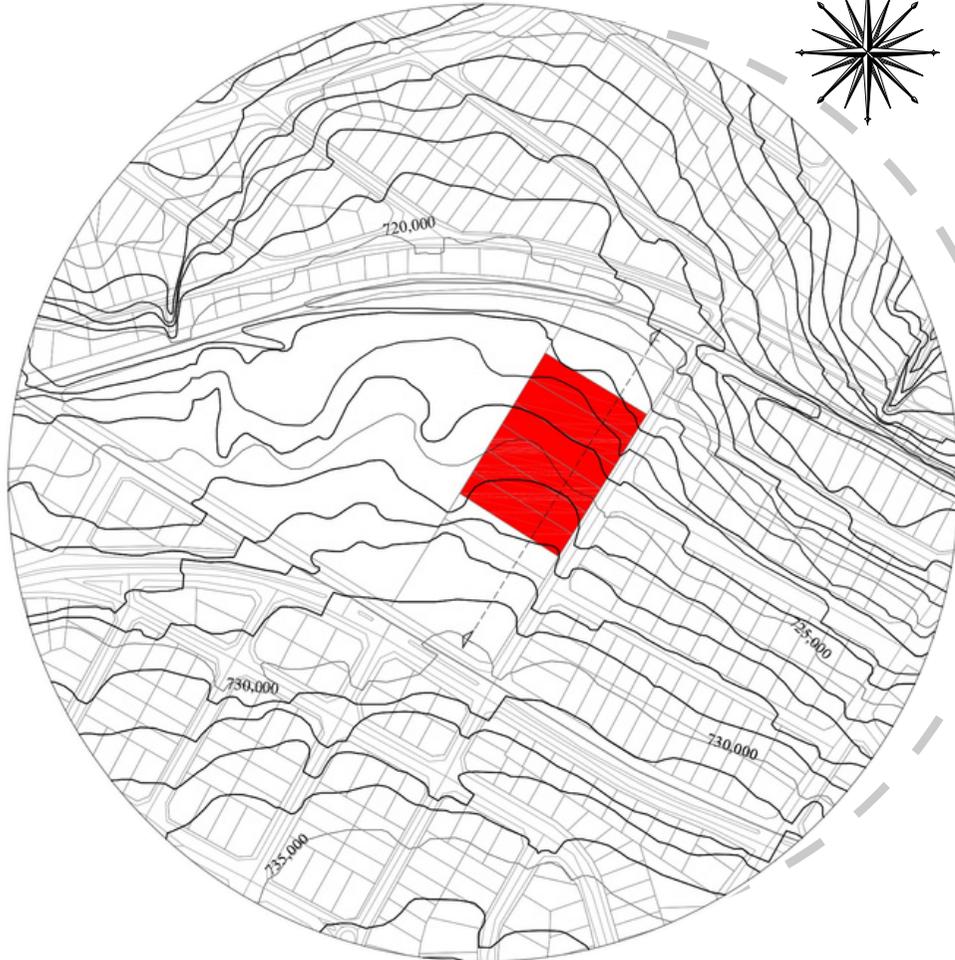


Fonte: Acervo pessoal (2022).

-  Av. Leste Oeste
-  Rua 206-A
-  Av. Independência

LUGAR

Topografia



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Nível: 729,00

Nível: 721,00



Corte A

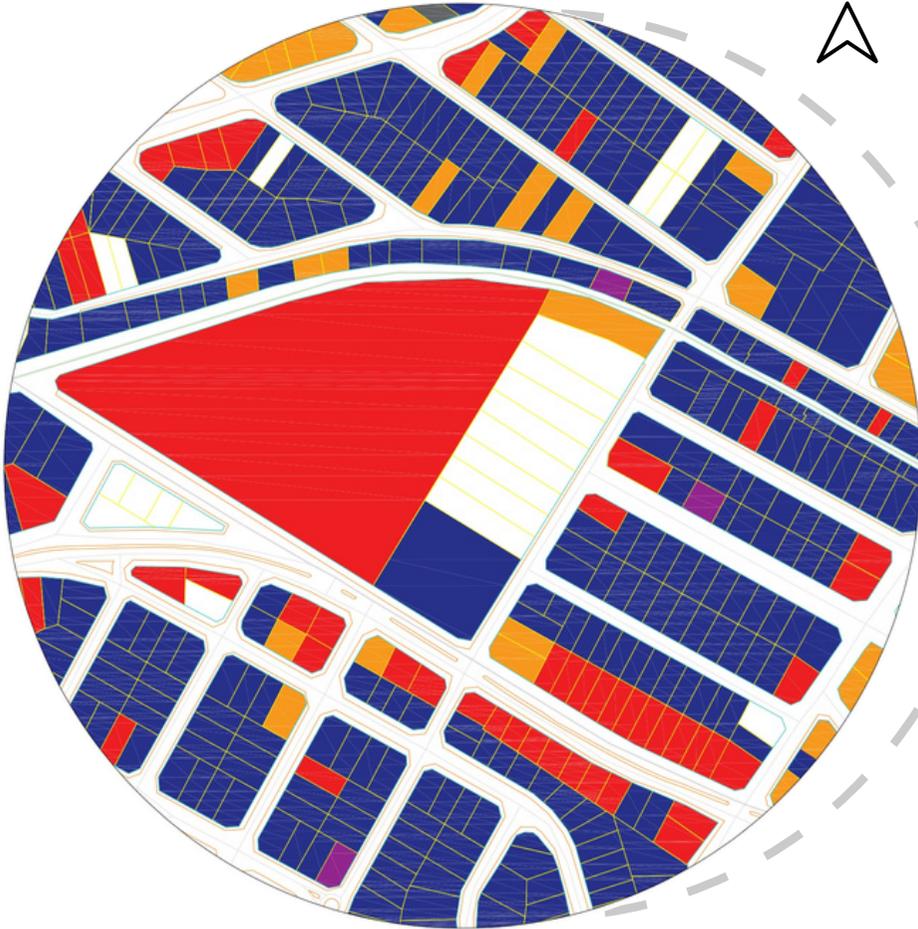


Linha do terreno

Fonte: Acervo pessoal (2022).

LUGAR

Usos do solo



Fonte: Acervo pessoal (2022).

- Saúde
- Misto
- Institucional
- Residencial
- Comércio

Edifícios em alturas

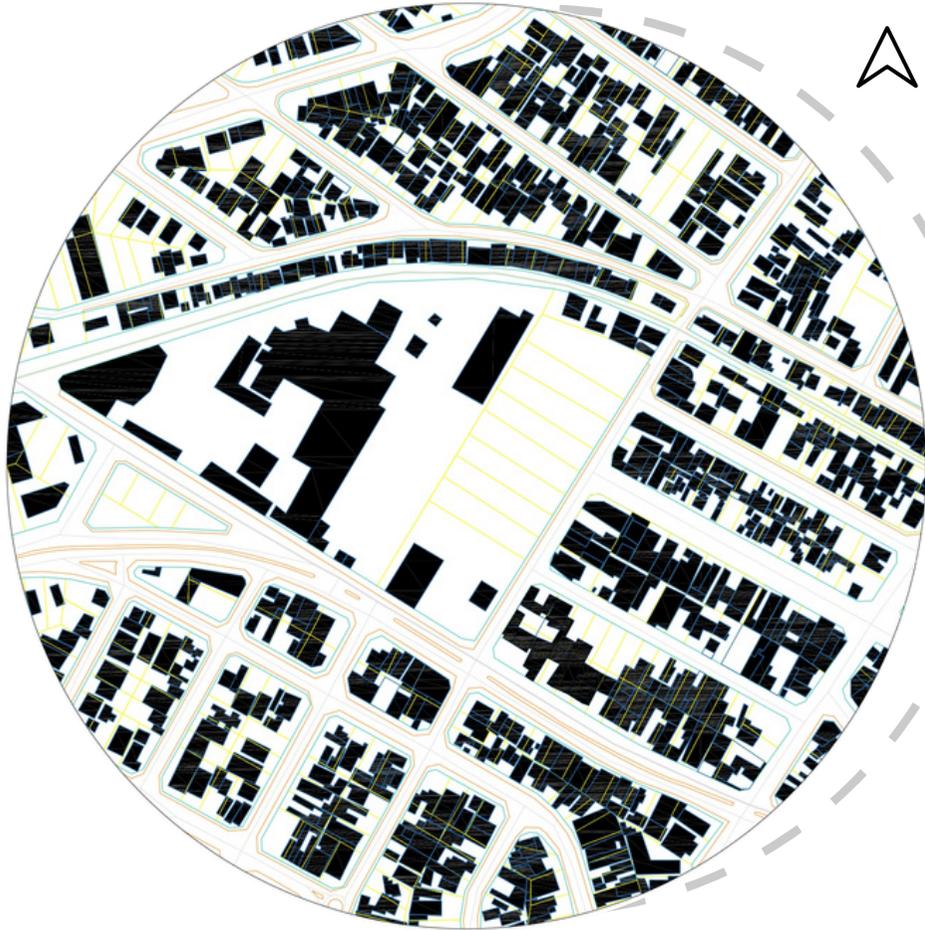


Fonte: Acervo pessoal (2022).

- 0 - 3
- 4 - 10
- 11 - 20
- 21 - 30

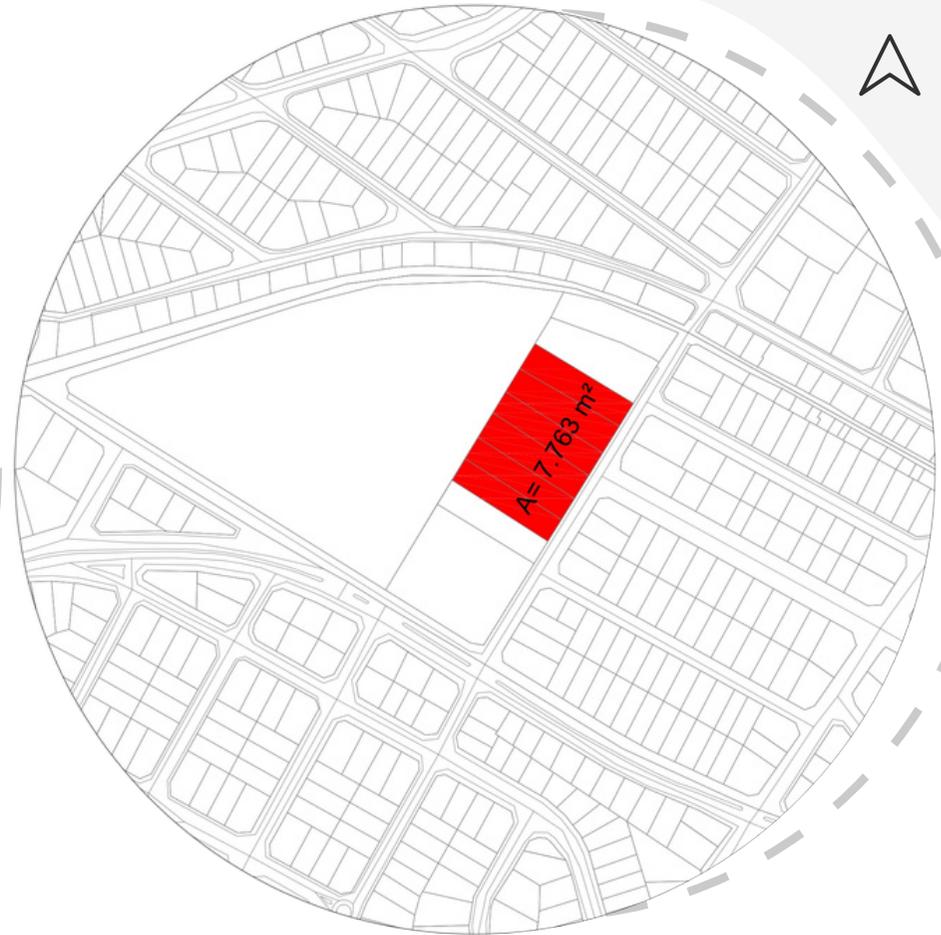
LUGAR

Cheios e vazios



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Lote escolhido



Fonte: Acervo pessoal (2022).

ESTUDO DE CASO

Centro de Referência em atendimento a autistas

Erechim - RS

Trabalho final de Graduação

Universidade de Passo Fundo

Fabíola Jurkovski Gasparin

2017

Área construída: 10.011m²



Fonte: Trabalho final de graduação de Fabíola Jurkovski Gasparin (2017).

O trabalho final de graduação feito pela acadêmica Fabíola Jurkovski Gasparin, estudante de Arquitetura e Urbanismo, teve o intuito de trazer um local onde oferecem tratamento clínico e educacional completo para pessoas com Transtorno do Espectro Autista, com centro de diagnóstico precoce.

Sabe-se da ingenuidade comportamental do autismo, assim sua forma foi trabalhada com elementos primários sem muita complexidade para a compreensão deles e edificações térreas facilitando o acesso e a necessidade de estarem sozinhos quando preciso, já que existe uma conexão da composição da paisagem e a obra.

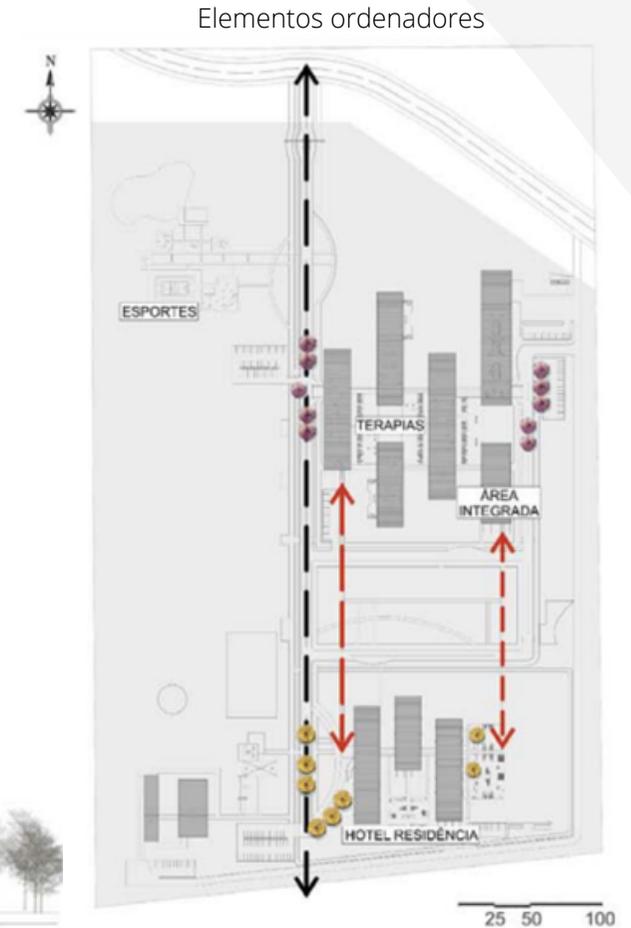
ESTUDO DE CASO

Trata-se de um projeto fluido e ritmado, estruturado em madeira laminada colada, com grandes aberturas zenitais e esquadrias, tornando-o mais integrado e humanizado com a junção da cobertura verde. Desenvolve-se de forma linear trazendo uma composição de fácil percepção, acolhedora e sensorial, que é de extrema importância para desenvolver e estimular os sentidos.

Fachada oeste, edificações terapêuticas



Fonte: Trabalho final de graduação de Fabíola Jurkovski Gasparin (2017).



ESTUDO DE CASO

Clínica Amplitude

Goiânia – Go

Inaugurado em fevereiro de 2021

Recepção



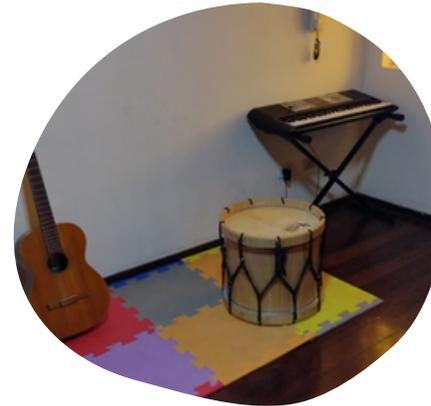
Fonte: Acervo pessoal (2022).

Fonoaudiologia



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Musicoterapia



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Terapia ocupacional



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Já neste caso, a clínica recebeu esse nome com o intuito de ampliar locais de atendimento ao autista, um lugar que fosse grande e permitisse ter uma visão de amplitude em todos os espaços, e que eles pudessem se sentir acolhidos.

É uma clínica particular, onde atendem crianças e jovens, com a intenção de torná-los adultos com uma melhoria na forma de comunicação e socialização. Os tratamentos oferecidos são: Fonoaudiologia, Psicologia, Psicopedagogia, Psicomotricidade, Terapia Ocupacional e Musicoterapia.

ESTUDO DE CASO

CORAE

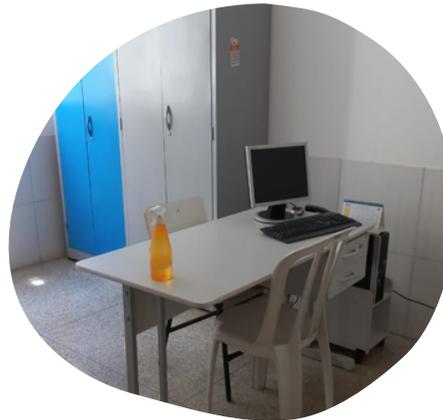
Centro de Orientação Reabilitação e Assistência ao Encefalopata
Av. T-3, 114 - St. Bueno, Goiânia
- GO, 74215-110

Há, ainda, o CORAE, o qual é um local desenvolvido para atendimento de pessoas com encefalopatia (paralisia cerebral), entretanto crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) são acompanhadas pela equipe multidisciplinar, onde recebem tratamento de psicologia, fonoaudióloga e terapia ocupacional, em que trabalham rotina diária, brincadeiras de acordo com o dia dia de cada criança.

Avaliação global



Dados e diagnóstico



Brinquedos



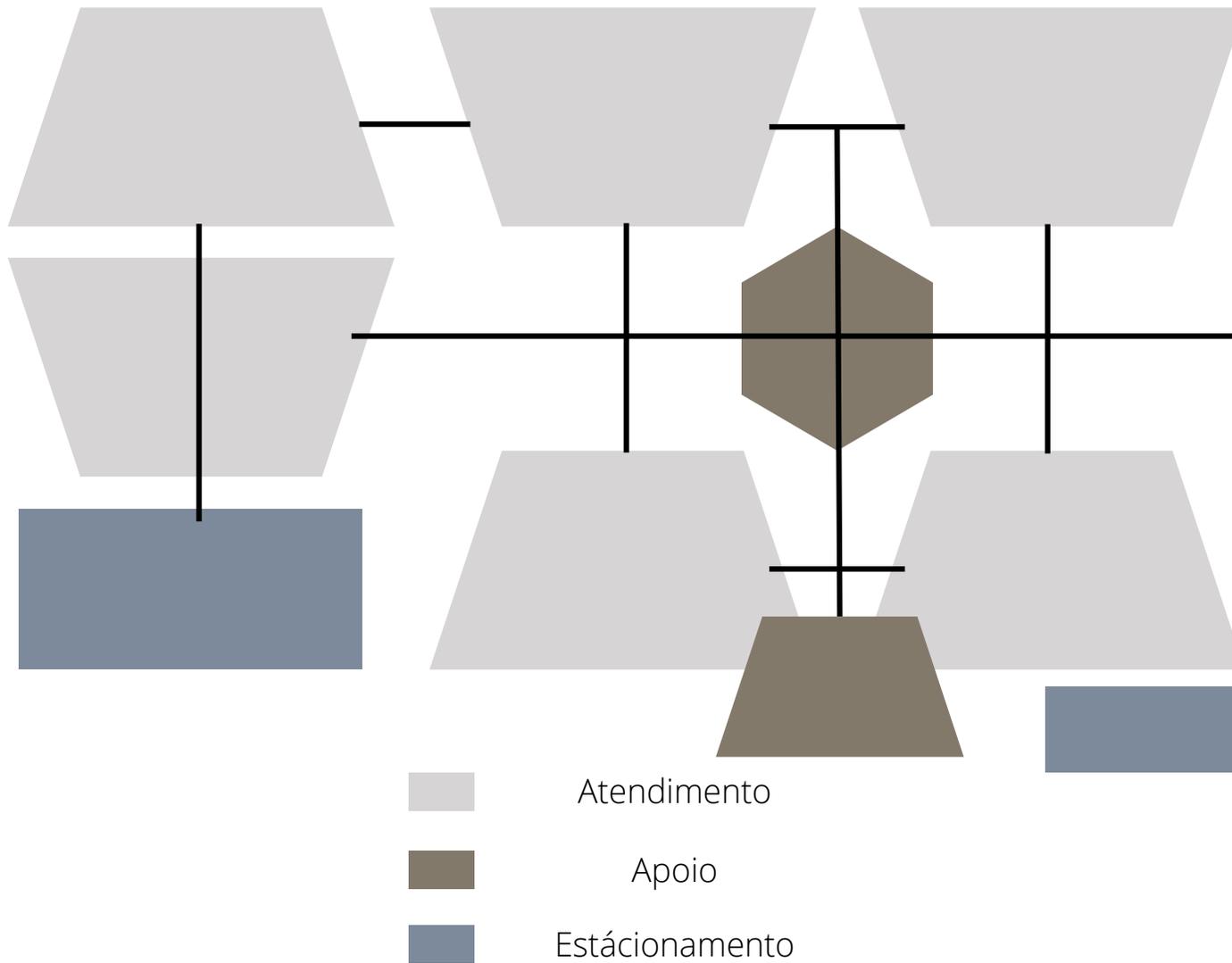
Reconhecimento da ação



PROGRAMA DE NECESSIDADES

Micro-Setor	Compartimentos	Atividades	Dimensionamento
Apoio	Copa	Cozinhar	15m ²
	Refeitório	Comer	20m ²
	Banheiro Femenino	Higienizar	10m ²
	Banheiro Masculino	Higienizar	10m ²
	Banheiro PCD	Higienizar	3m ²
	Sala de descanso	Descansar	20m ²
	Sala de administração	Administrar	15m ²
	Estacionamento	Estacionar	20x 14m ²
	DML	Guardar	10m ²
	Recepção	Receber	40m ²
	Atividade	Jardim sensorial	Cultivar
Piscina para terapia		Nadar	2x75m ²
Vestiário		Vestir	2x6m ²
Cocheiras		Abrigar	2x13m ²
Piquete		Descansar	2x25m ²
Redondel		Descansar	20m ²
Pista equoterapia (coberta)		Aprender	25m ²
Quarto de sela		Guardar	5m ²
Banheiro		Higienizar	10m ²
Qualificação profissionais/ pais		Aprender	25m ²
Reunião		Decidir	15m ²
Atendimento	Psicologia	Aprender	2x 20m ²
	Fonaudiologia	Aprender	2x 20m ²
	Musicoterapia	Aprender	2x 20m ²
	Psicopedagogia	Aprender	2x 20m ²
	Psiquiatria	Aprender	2x 20m ²
	Fisioterapia	Aprender	2x 20m ²
	Terapia ocupacional	Aprender	4x 20m ²
Apoio institucional escolar	DML	Guardar	10m ²
	Reunião	Decidir	12m ²
	Banheiro Femenino	Higienizar	10m ²
	Banheiro Masculino	Higienizar	10m ²
	Banheiro PCD	Higienizar	3m ²
	Refeitório	Comer	25m ²
	Sala de aula	Aprender	2x 40m ²

FLUXOGRAMA



PROPOSTA TEÓRICA

Relacionando-se aos casos analisados, Jan Gehl (2013) aponta que, em meio às cidades barulhentas, parques, ruas sem carros e praças são espaços onde ainda é possível ser ouvido, evitando os sons urbanos mais estridentes e facilitando a comunicação, o que mostra o potencial de tais ambientes públicos para a convivência dessas pessoas.

Amaral e Peinado (2020) também discorrem sobre como, até mesmo em ambientes fechados, como é o caso de alguns locais apresentados anteriormente, uma boa ventilação natural poderia minimizar o desconforto dos autistas e auxiliar nos transtornos sensoriais. Eles percebem inclusive que o espaço externo é uma alternativa para acalmar essas pessoas em momentos de crise. E construções térreas, sem escadas, também beneficiam o bem-estar desses indivíduos. Dessa maneira, conclui-se que:

[...] como a pessoa com TEA geralmente apresenta hipersensibilidade sensorial, os projetos precisam levar em consideração esse aspecto, a fim de que o ambiente a estimule de maneira assertiva, para dar respaldo a boa realização das atividades pedagógicas propostas (AMARAL; PEINADO, 2020, p. 7).

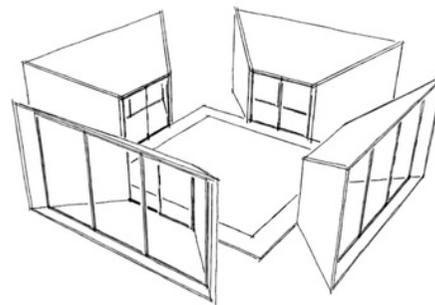
Nesse sentido, além de facilitar atividades pedagógicas, prestar atenção nessas características seria também essencial para a participação das pessoas com Transtorno do Espectro Autista no âmbito cultural e social das cidades. Por fim, começar a ter em mente esses pontos seria uma grande partida para que o planejamento urbano contribua para a qualidade de vida das pessoas, considerando suas particularidades.

PROPOSTA TEÓRICA

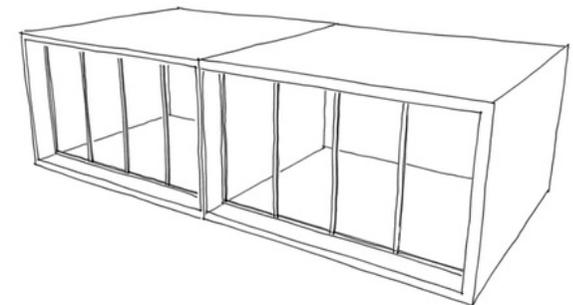
Pensando em todos esses aspectos e fugindo do convencional, onde os centros de referência costumam ser um bloco linear, foram propostas edificações individuais, partindo do cubo, uma forma de fácil compreensão, sendo trabalhada de várias maneiras com intuito de que tenha uma visão ampla.

Foram locados 4 blocos que contêm 4 salas para atendimentos, tendo o centro usado como jardim sensorial, sendo atendido em qualquer sala, podendo desfrutar de novas experiências. O terreno funcionará com um entorno imediato de vegetação, trazendo calma para todos os ambientes, o que é ideal para aliviar os pacientes autistas em momento de pânico.

O centro do projeto ficou voltado para apoio e institucional, onde o acesso será mais rápido para todos os locais e algumas atividades que são desenvolvidas em conjunto. À esquerda estão locadas equoterapia e hidroterapia para intensificar e melhorar o tratamento.



Croquis iniciais

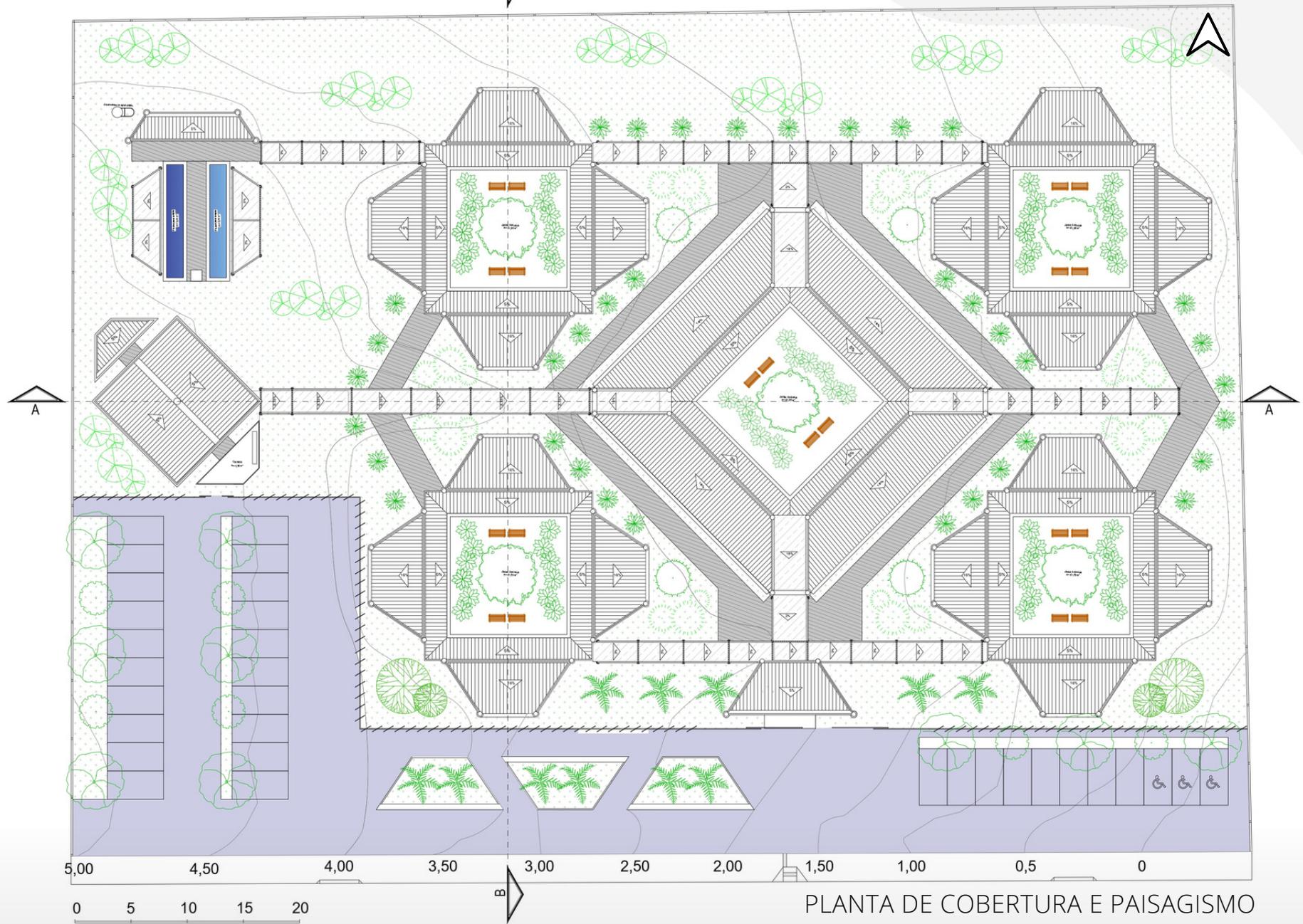


ANTEPROJETO



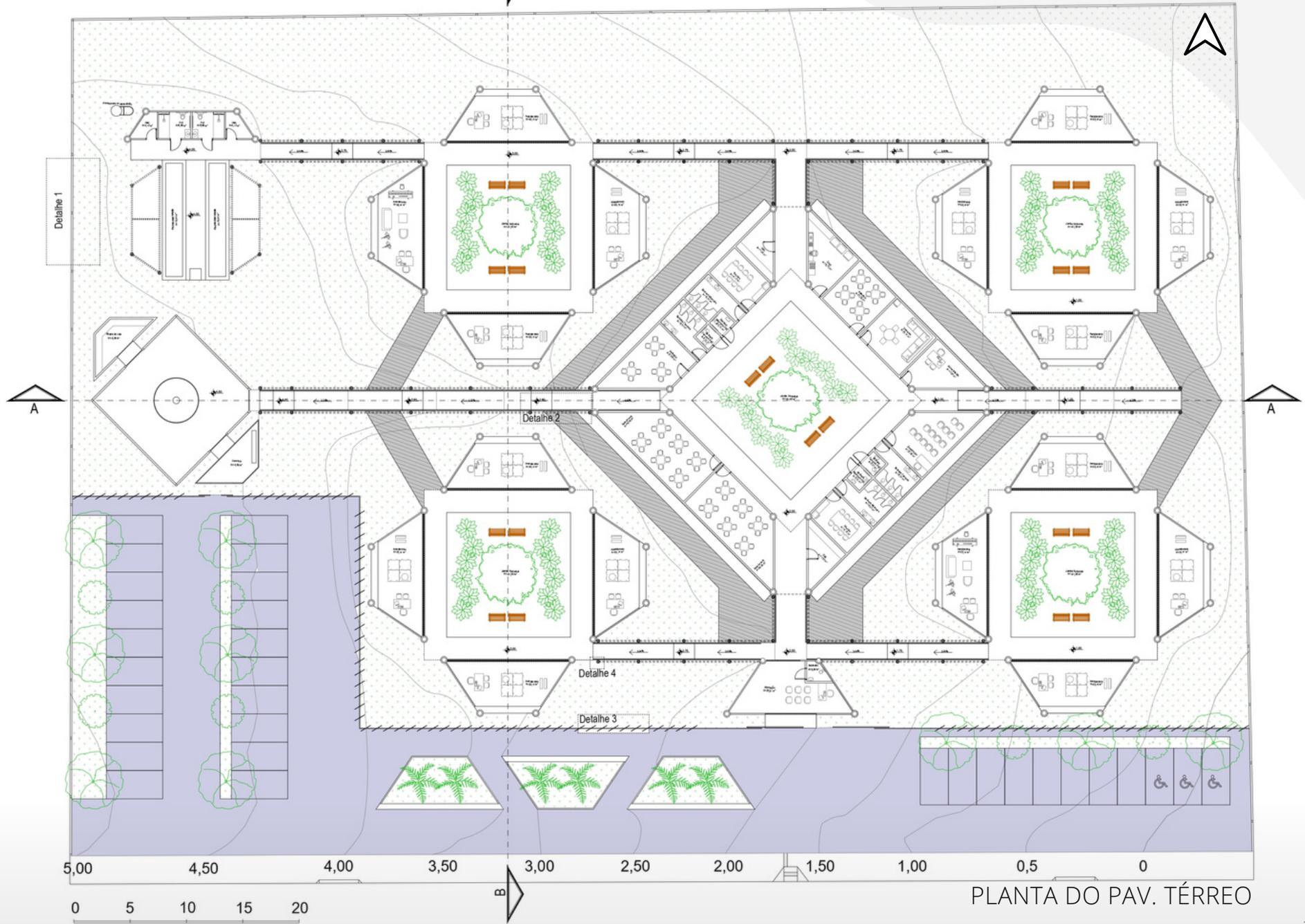
PLANTA DE SITUAÇÃO

ANTEPROJETO



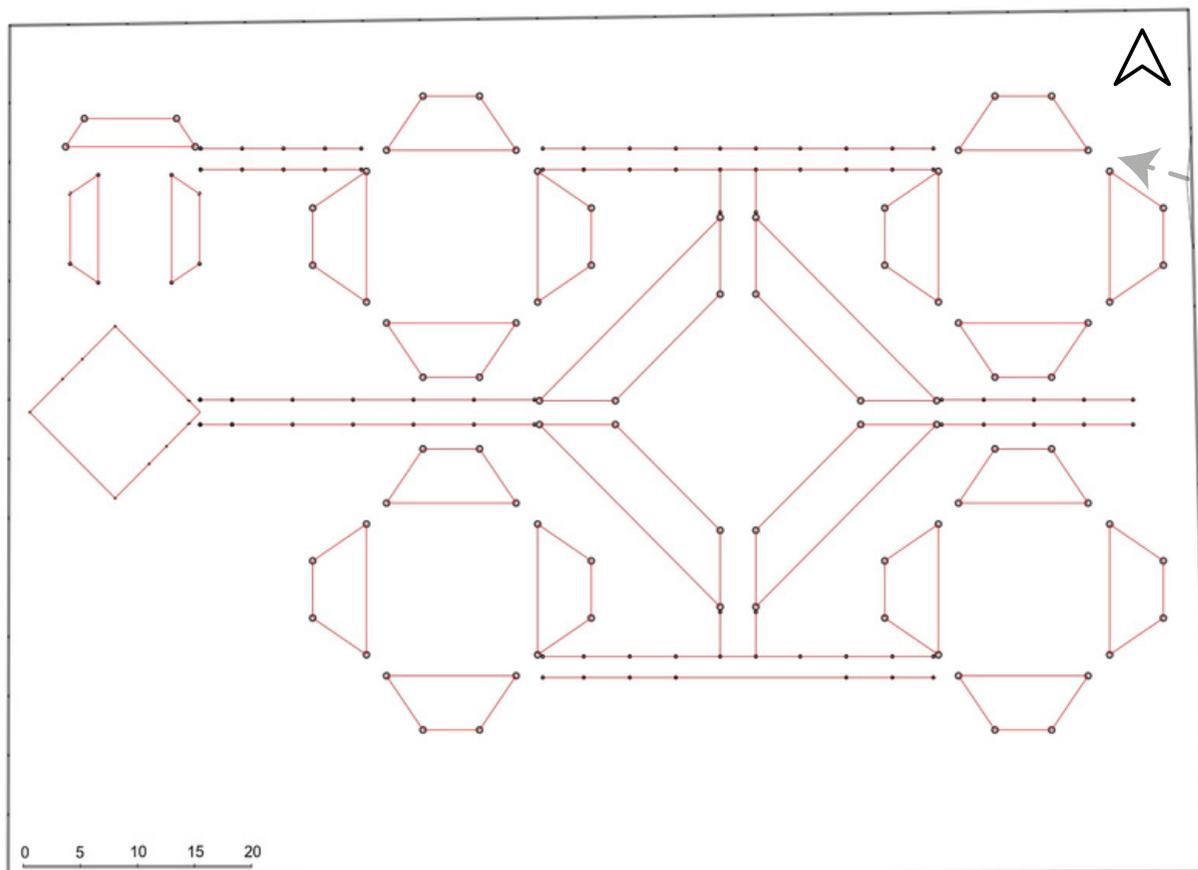
PLANTA DE COBERTURA E PAISAGISMO

ANTEPROJETO

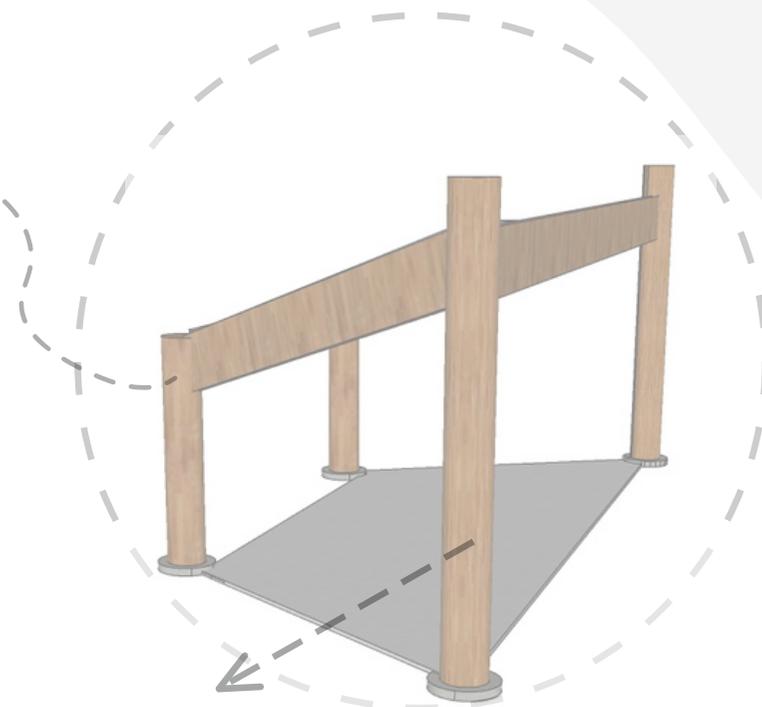


PLANTA DO PAV. TÉRREO

ESTRUTURA

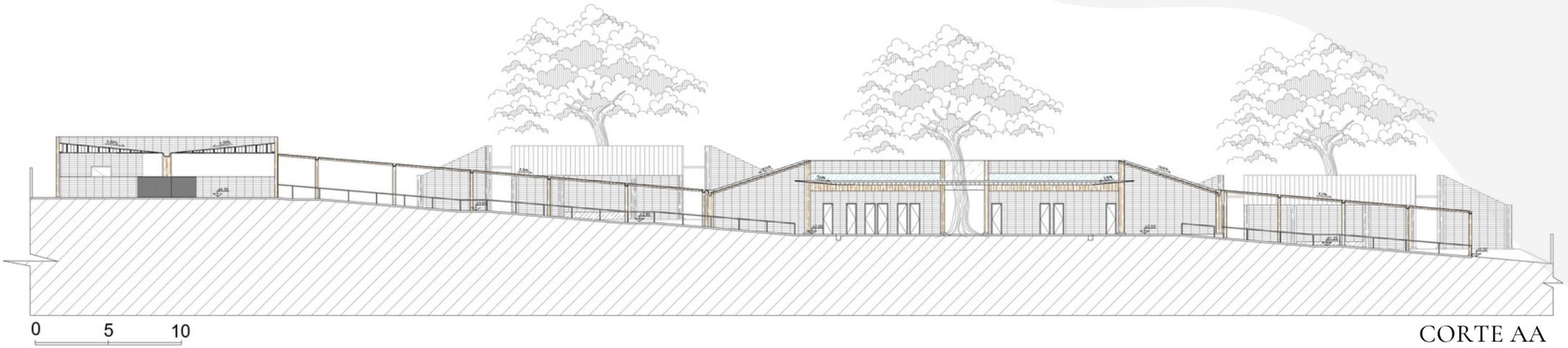


PLANTA ESTRUTURAL

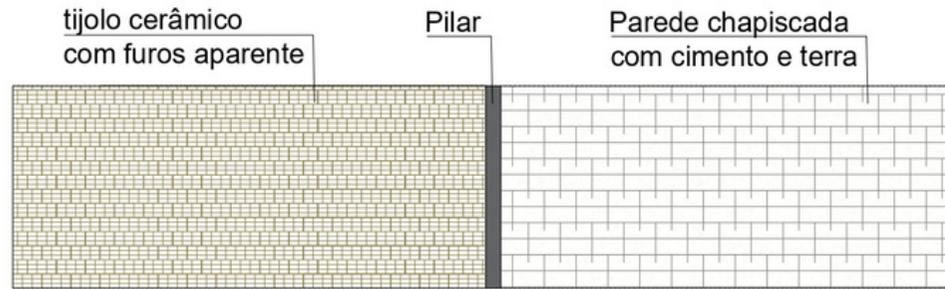


MADEIRA TRATADA

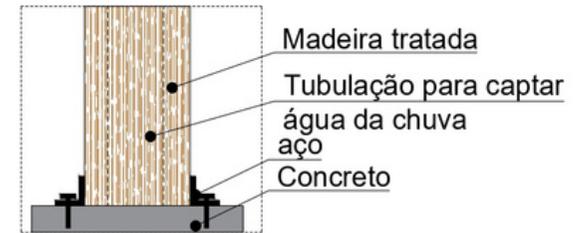
CORTES



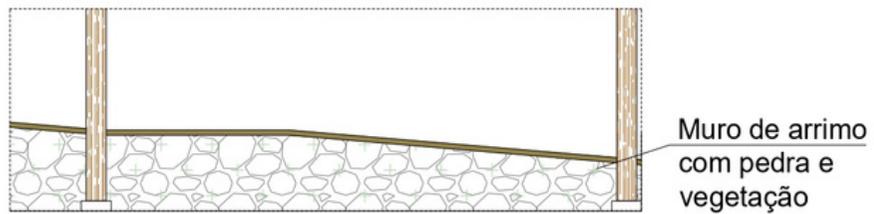
DETALHES



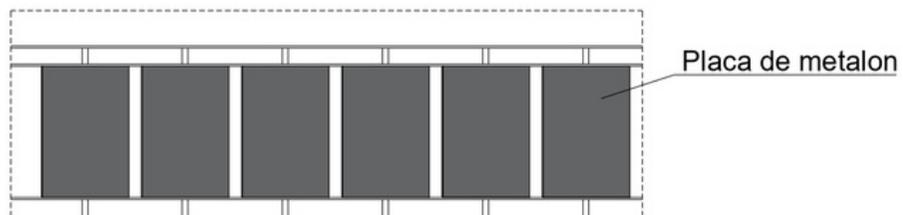
DETALHAMENTO 1: MURO DE PROTEÇÃO



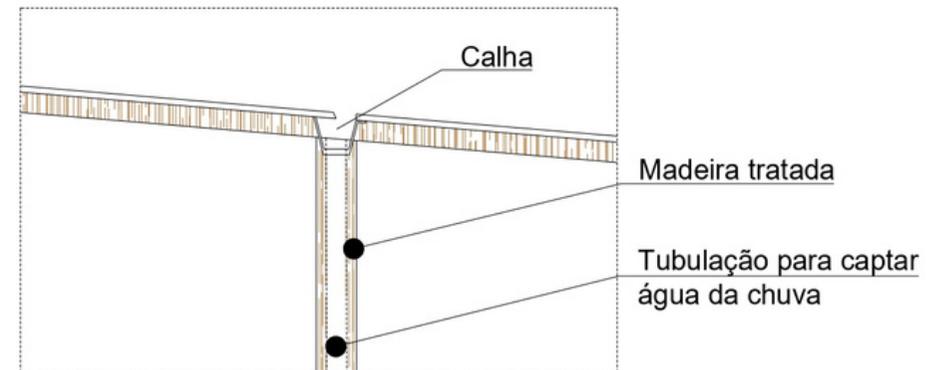
DETALHAMENTO 4: PILAR



DETALHAMENTO 2: MURO DE ARRIMO



DETALHAMENTO 3: FECHAMENTO FACHADA



DETALHAMENTO 5: COBERTURA PASSARELA

FACHADAS



FACHADA NORTE



FACHADA SUL

FACHADAS



VOLUMETRIA

Telha sanduiche

Telha branca fosca



IMAGEM AÉREA



APOIO



ESTACIONAMENTO



ENTRADA PRINCIPAL

VOLUMETRIA

Tijolo ecológico

Madeira tratada



HIDROTERAPIA



LAYOUT ATENDIMENTO



EQUOTERAPIA



ATENDIMENTO

CONCLUSÃO

A inclusão social de pessoas autistas traz benefícios não apenas para os indivíduos diretamente afetados, mas também para a sociedade como um todo. Ao permitir que os autistas sejam parte ativa e integrante da sociedade, estamos promovendo uma cultura de respeito, empatia e igualdade, que são pilares fundamentais para uma comunidade saudável e harmoniosa.

E para que isso ocorra, foi pensado o centro de atendimento ao autista, que conta com terapias intensivas para melhorar a qualidade de vida destas pessoas. Levando em consideração que possuem comportamentos restritos e repetitivos, foram pensados ambientes exclusivos que tragam conforto e qualidade de vida, além de atividades terapêuticas que deem suporte à formação desses indivíduos.

Em suma, a inclusão de pessoas autistas é um caminho para construir uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária. Ao valorizar e incluir as pessoas no espectro autista, estamos promovendo o respeito à diversidade, a equidade e o bem-estar de todos. A inclusão é um imperativo moral e social que nos desafia a criar um mundo onde cada indivíduo tenha a oportunidade de florescer e viver uma vida plena e significativa.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Karla Alberini do; PEINADO, Hugo Sefrian. EDIFICAÇÕES ESCOLARES ACESSÍVEIS: aspectos projetuais para atendimento de pessoas com deficiência intelectual e transtorno do espectro autista. In: XVIII Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 2020, Porto Alegre.

GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. *Jornal de Pediatria*, v. 80, n. 2, p. S83-S94, 2004.

GASPARIN, Fabíola Jurkovski. Centro de referência em atendimento a autistas em Erechim. Orientadora: Raquel Rhoden Bresolin. 2017. 16 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Engenharia e Arquitetura, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2017. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/handle/riupf/1196>. Acesso em: 1 set. 2022.

GEHL, Jan. *Cidade para pessoas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. 263 p.

GOOGLE Maps. Goiânia, 2022. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-16.6585902,-49.2430986,17z>. Acesso em: 1 set. 2022.

MANREZA, Roberta. Inclusão: Será que todos somos iguais? Papo de Mãe. Disponível em: <https://www.papodemae.com.br/noticias/inclusao-sera-que-todos-somos-iguais.html>. Acesso em: 10 dez. 2022.

MAPA Digital Fácil. In: Portal Mapa. [S. l.]. Disponível em: <https://portalmapa.goiania.go.gov.br/mapafacil/>. Acesso em: 1 set. 2022.

REFERÊNCIAS

MELLO, Ana Maria S. Ros de; ANDRADE, Maria América; HO, Helena; SOUZA DIAS, Inês de; Retratos do autismo no Brasil, 1ª ed. São Paulo: AMA.

MIRANDA, T. C.; GUARNIERI, A.R. Arquitetura e Autismo: Levantamento teórico para a proposta de projeto de um centro de atendimento especializado no transtorno do espectro autista na cidade de Ourinhos-SP. Disponível em: https://cic.unifio.edu.br/anaisCIC/anais2018/pdf/02_66.pdf. Acesso em: 25 de mar. 2022.

REZENDE, Daniela. Prefeitura atende 380 alunos autistas em suas unidades educacionais. In: Prefeitura de Goiânia. Goiânia, 31 mar. 2021. Disponível em: https://www.goiania.go.gov.br/_prefeitura-atende-380-alunos-autistas-em-suas-unidades-educacionais/. Acesso em: 2 out. 2022.

REDAÇÃO. A importância do estímulo familiar para a inteligência das crianças | Alto Astral. Alto Astral. Disponível em: <https://www.altoastral.com.br/estilo-de-vida/estimulo-pais-inteligencia-criancas/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

RIBEIRO, Santos. Autismo: o que é, sintomas, graus, causas e tratamento. Tua Saúde. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/autismo-infantil/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

SOCIEDADE Brasileira de Pediatria: Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento. Manual de Orientação: Transtorno do Espectro do Autismo, n. 5, abril de 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775c-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf. Acesso em: 1 mar. 2022.

REFERÊNCIAS

URBS IMOBILIÁRIA. Como é morar no Negrão de Lima? Entenda aqui!. In: URBS. [S. l.], 28 abr. 2021. Disponível em: <https://blog.urbs.com.br/morar-no-negrao-de-lima/>. Acesso em: 1 set. 2022.

VERGARA, Lizandra Garcia Lupi; TRONCOSO, Marcia Urbano; RODRIGUES, Gabriela Vargas; "ACESSIBILIDADE ENTRE MUNDOS: uma arquitetura mais inclusiva aos autistas", p. 536-546. In: Blutcher Proceedings. São Paulo: Blucher, 2018.